

Apropriação da filosofia de Deleuze na Ciência da informação: um estudo quantitativo

Appropriation of Deleuze's philosophy in the Science of Information: a quantitative study

Igor Soares Amorim

Doutorando em Ciência da Informação da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC.

E-mail: amorim.igors@gmail.com

Marisa Brascher Basilio Medeiros

Doutora em Ciências da Informação pela Universidade de Brasília – UnB.

Professor Ajunto da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC.

E-mail: marisa.brascher@gmail.com

Resumo

Caracteriza a apropriação da filosofia deleuziana na Ciência da Informação, por meio de revisão de literatura e tratamento métrico de artigos coletados na base de dados Base de Dados Referenciais de Artigos de Periódicos em Ciência da Informação (Brapci) e Library and Information Science Abstract (LISA). Parte-se da oposição entre “escola” e “movimento” a fim de identificar por qual das duas vias a Ciência da Informação se apropria da filosofia de Deleuze. Para tanto, a Ciência da Informação é descrita no contexto das Ciências Sociais e por suas relações inter e transdisciplinares com outros saberes, destacando seu laço com a Filosofia. Os resultados revelam o início de uma conexão que se torna mais comum na última década. Conclui-se que a apropriação que a Ciência da Informação faz da filosofia de Deleuze é orientada pela ideia de “movimento”.

Palavras-chave: Ciência da Informação. Deleuze. Filosofia. Métricas. Institucionalização.

Abstract

It is characterized the appropriation of Deleuzian philosophy in Information Science (IS), through literature review and metric treatment of articles collected in the database Reference Database of Journal Articles in Information Science (Brapci) and Library and Information Science Abstract (LISA). It starts from the opposition between "school" and "movement" in order to identify by which of the two ways Information Science appropriates the philosophy of Deleuze. For that, Information Science is described in the context of the Social Sciences and for its inter and transdisciplinary relationships with other knowledge, highlighting its link with philosophy. The results reveal the beginning of a connection that has become more common in the last decade. It is concluded that the appropriation that Information Science makes of the philosophy of Deleuze is guided by the idea of "movement".

Keywords: Information Science. Deleuze. Philosophy. Metrics. Institutionalization.

1. Introdução

Ao final de sua vida, Gilles Deleuze, filósofo francês de destaque que não gostava de aparecer muito na mídia, aceitou um convite para uma entrevista de sua colega e aluna Claire Parnet. Seu receio com o aparecimento na TV foi preservado por meio de uma cláusula *post mortem*, isto é, a entrevista só poderia ser divulgada após sua morte. Porém, Deleuze autorizou a divulgação da entrevista poucos meses antes de morrer. Talvez, numa inocente tentativa de colocar alguma ordem na potência do pensamento do filósofo Deleuze, a entrevista foi conduzida pela seriação alfabética. Este artigo parte do seguinte fragmento da entrevista:

Uma escola é terrível por uma simples razão: consome muito tempo, nos tornamos administradores. Veja os filósofos que fazem escola. Os wittgensteinianos são uma escola. Não é uma diversão. [...] Tudo isso é abominável. Isso não me interessa nem um pouco. Mesmo no nível das ambições, ser chefe de uma escola. [...] A escola é o contrário do movimento. Dou um exemplo simples: o surrealismo é uma escola. Acerto de contas, tribunais, exclusões, etc. Breton fez uma escola. Dada era um movimento. Se eu tivesse um ideal, não digo que não consegui, seria participar de um movimento. Participar de um movimento, sim. Mas ser o chefe de uma escola não me parece um destino invejável. Um movimento no qual o ideal não seja ter noções garantidas, assinadas e repetidas pelos discípulos. Para mim, duas coisas são importantes: a relação que podemos ter com os estudantes é ensinar que eles fiquem felizes com sua solidão. Eles vivem dizendo: “Um pouco de comunicação. Nós nos sentimos sós, somos todos solitários”. Por isso eles querem escolas. Eles não poderão fazer nada em relação à solidão. Temos de ensinar-lhes os benefícios da sua solidão, reconciliá-los com sua solidão. Esse era o meu papel de professor. O segundo aspecto é um pouco a mesma coisa. Não quero lançar noções que façam escola. Quero lançar noções e conceitos que se tornem correntes, que se tornem não exatamente ordinárias, mas que se tornem ideias correntes, que possam ser manejadas de vários modos. Isso só é possível se eu me dirigir a solitários que vão transformar as noções ao seu modo, usá-las de acordo com suas necessidades. Tudo isso são noções de movimento, não de escola. (DELEUZE, 1988, p. 85-86).

No trecho do “Abecedário de Gilles Deleuze”, há uma oposição entre escola e movimento, uma oposição na qual Deleuze diz preferir movimento. A exemplificação que Deleuze faz na diferenciação entre “movimento” e “escola” pode ser questionada, uma vez que o próprio Wittgenstein nunca criou efetivamente uma escola. No entanto, neste trabalho, não aprofundaremos esse aspecto, mas sim o conceito de escola e movimento conforme abordado por Deleuze. Para nós, bibliotecários e cientistas da informação, que temos como um dos temas de estudo a comunicação científica, cabe lançar uma hipótese sobre a intersecção “Filosofia de Deleuze e Ciência da Informação”: a apropriação da filosofia deleuziana pela Ciência da Informação (CI) ocorre tal qual a noção de movimento referida acima? Se ao final do estudo a resposta for negativa, veremos uma apropriação do tipo “escola” da filosofia deleuziana pela Ciência da Informação.

Nesse sentido, questionamos: qual é a apropriação da obra de Gilles Deleuze na Ciência da Informação? Para tanto, nossos objetivos são: caracterizar os textos de autores que se apoiam ou discutem as ideias de Deleuze, recuperados em bases nacionais e internacionais, identificando autores, revistas, países e correlação de palavras-chave.

Para Foucault (1995), o século XXI promete se desenvolver sob esse fluxo deleuziano. Dessa forma, nos interessa caracterizar e discutir a forma como a filosofia de Deleuze tem sido contemplada na literatura da CI.

2. Uma ciência para a informação

Com a aurora da Idade Moderna, a Ciência tornou-se a principal forma de constituição de conhecimento devido ao extraordinário sucesso alcançado pela Física, Química e Biologia, segundo Chibeni (2002). “A ciência é o conhecimento pelas causas reais e naturais comprovadas. [...] é um sistema de conhecimentos metódicos sobre a natureza, a sociedade e o pensamento” (BAZARIAN, 1985, p. 44). Diferentemente dos saberes constituídos antes dela, a Ciência se dá sob um método rigoroso e busca neutralizar as crenças e ideologias presentes nas pessoas e instituições que estão envolvidas na produção de seu conhecimento.

O método científico foi sistematizado primeiramente por Francis Bacon, ainda no século XVII, e aperfeiçoado pelos cientistas Galileo, Newton e Boyle. No século seguinte, se concretizou pela ação dos enciclopedistas (CHIBENI, 2002). Conforme Chibeni (2002), de modo geral o método apresenta as seguintes características: começa pela observação; as observações devem ser neutras; induz e formula leis que depois podem ser verificadas pelo processo dedutivo. Esse modelo científico foi ratificado pelo Positivismo Lógico, nas primeiras décadas do século XX. Acreditava-se que enviesar a produção do conhecimento científico era um ato de afastamento da verdade. Esse cenário começa a se modificar no pós-guerra, inicialmente com as proposições popperianas sobre o método e a verdade científica.

As ciências naturais se estabeleceram com base na empiria, depositando na observação a principal forma de coletar indícios e inferir conhecimentos. As ciências sociais nasceram no século XIX, principalmente com a contribuição de Comte (1798- 1857), quem formulou as concepções necessárias para transpor os métodos das ciências naturais a este novo objeto de interesse, os fenômenos sociais. “Se o século XVIII conheceu importantes pensadores da

sociedade, como Montesquieu, Locke, Hume e Rousseau, é com Auguste Comte que, normalmente, identifica-se o início das ciências sociais” (ARAÚJO, 2003, p. 22).

Destaca-se que, embora tenha buscado uma fundamentação nas concepções positivistas de ciência, a CI não está em consonância com esse modelo tradicional, isto é, partindo da noção positivista ou naturalista da ciência, não temos condições de afirmar a CI como uma ciência (WERSIG, 1993). Elementos que nos permitem aferir isto são: ela não tem um objeto definido claramente, não apresenta metodologias consolidadas caracterizantes de seu domínio e não apresenta consenso sobre seus conceitos fundamentais, como conhecimento, tratamento, disseminação, dentre outros. (AZEVEDO NETTO, 1999).

3. Ciência da Informação como Ciência Social

A CI nasce num momento em que já havia críticas consolidadas ao fracasso do modelo de ciência positivista, mesmo assim constituiu-se “exatamente nos moldes das ciências modernas, sobretudo a partir do modelo das ciências exatas” (ARAÚJO, 2003, p. 22), com o propósito de alcançar conhecimentos exatos, objetivos, matematizáveis, expressos por leis universais do comportamento da informação. Para González de Gómez (2000), a área nasceu mais preocupada com questões do que com teorias, assim refletia as demandas sociais e de mercado que necessitavam de um discurso metacientífico de validação, com pretensões a posição de neutralidade.

Para Azevedo Netto (1999, p. 135), apenas nas últimas décadas a CI passou a “incorporar definitivamente a interdisciplinaridade, abrangendo desde os aspectos da tecnologia, até as questões sociais relacionadas à informação”. É recente o momento em que a CI estabeleceu laços com as ciências naturais, a filosofia, ciências sociais/humanas e a tecnologia, o que realmente a caracterizou como interdisciplinar, num processo de instalação e sedimentação de uma nova abordagem científica, não mais identificada com os traços da modernidade.

As ciências sociais encontram sua particularidade na relação sujeito-objeto, os quais têm seus limites não tão claros quanto ocorre nas ciências naturais. Isto revela que é própria das ciências sociais a relação de tensão entre validade e conhecimento produzido. Por ter o “homem” como objeto principal de seu estudo, as ciências sociais evidentemente não priorizam o estabelecimento de regularidades compreendidas como lei. Portanto, é de se esperar um

enfoque metodológico diferente das ciências naturais. Nesse sentido, González de Gómez (2001) destaca que desde a década de 1990 a CI tem adotado uma postura mais pluralista no que concerne ao emprego de metodologias, o que é próprio das ciências sociais e de campos interdisciplinares.

Para Araújo (2003), há três grandes abordagens nas ciências sociais: a primeira é a positivista/funcionalista, na qual a CI tem maior proximidade desde sua origem; a segunda é a marxista baseada na Teoria do Conflito, a qual tem influência em algumas linhas de pesquisa na área; e por fim as abordagens interpretativistas, com base em Weber e Simmel. A partir dos anos 1980, surgem diversas tentativas de sínteses entre essas três perspectivas, geralmente sob enfoques microssociológicos e interpretativos. É principalmente dessas sínteses que a CI se utiliza para fundamentar-se nas ciências sociais, desde os anos 1990.

A CI é caracterizada como uma ciência social porque, embora o sinal possa ser emitido por qualquer ser ecológico, sua recepção, necessária a efetivação da informação, é feita necessariamente pelo homem, por isso, a CI, voltada a compreensão dos processos informacionais na comunicação, “dirige-se, obrigatoriamente, à interação de indivíduos na sociedade” (AZEVEDO NETTO, 1999, p. 138). A informação, enquanto fenômeno, só existiria no universo humano, e, embora interaja com diferentes campos do conhecimento e disciplinas, sua “natureza, fundamentação, objetivos e demanda de estudos, ainda estariam centrados na esfera de domínio das ciências sociais” (AZEVEDO NETTO, 1999, p. 138).

Nesses termos, a compreensão da CI não apenas destaca sua manifestação nas ciências sociais, como também a afasta do modelo científico da modernidade (do positivismo), em favor de uma matriz pós-moderna de ciência (WERSIG, 1993). Com isso, busca-se um alargamento de fronteira, diálogos inter e transdisciplinares, leitura mais rica e complexa da realidade (ARAÚJO, 2003; CIBANGU, 2010).

Nessa conjuntura da CI como Ciência Social, identificamos possibilidades frutíferas da inserção da filosofia deleuziana no campo.

4. Limiar entre Ciência da Informação e Filosofia

Para Souza (2007, p. 76), a CI emerge na segunda metade do século XX com tendências à “aplicação e o uso dos resultados de pesquisa, a adoção da transdisciplinaridade no modo de produção do conhecimento, ao contrário do enfoque disciplinar, este seria uma maneira de lançar um outro olhar de entendimento para um campo em constantes transformações”. O enfoque disciplinar é considerado na delimitação de campos de conhecimento fechados em si mesmos, isto é, postula-se a autossuficiência no trato dos problemas científicos e a capacidade de desenvolver métodos, teorias, leis e estruturas de comunicação próprias e caracterizantes do campo. A interdisciplinaridade diz respeito à transferência de métodos de uma disciplina à outra, e pode ocorrer no nível da aplicação (por exemplo: a cientometria), no nível epistemológico (por exemplo: a teoria de sistemas na CI) e no nível de geração de uma nova disciplina (por exemplo: a própria CI).

Já a transdisciplinaridade diz respeito a outra forma de construir conhecimentos. Mais próximo das proposições de Wersig (1993), a CI compreendida como transdisciplinar (SOUZA, 2007), ratifica os relacionamentos situacionais e complexos entre grande número de diferentes disciplinas e saberes. Segundo Souza (2007), na transdisciplinaridade há heterogeneias, mas, ainda assim, existe alguma unidade de método, alguns postulados implícitos compartilhados e alguns modos de explicação comuns mesmo que não formalizados. Nesse cenário, a força institucional é menor, e grupos e temas de pesquisas são constituídos e deixados de modo mais dinâmico. Hjørland e Albrechtsen (1995) falam da emergência de um novo paradigma na CI, o qual a colocaria na posição de estudar os domínios de conhecimentos específicos, cabendo à CI transitar entre diferentes proposições metodológicas de acordo com o domínio visitado. Para tanto, é necessário um entendimento da CI aberta, de tal forma que congregue saberes teóricos e práticos de diferentes naturezas a serem utilizados na produção de informações e conhecimentos de acordo com as necessidades relativas aos domínios.

Neste artigo, nos interessa a Filosofia da Ciência da Informação, isto é, a relação transdisciplinar que se estabelece entre dois saberes de naturezas distintas e que entendemos ratificar o posicionamento da CI como Ciência Social. Isso se dá na direção que Gandra e Duarte (2012, p. 14) chamam de força de alargamento das fronteiras da CI, a qual está vinculada aos trabalhos que fogem da “visão funcionalista [e positivista] e se preocupam com o aspecto social relativo ao campo”.

Segundo Robredo (2007), Filosofia é a busca do infinito com o intuito de compreender/controlar o finito e, ao atrelar conhecimento e linguagem, levanta para si o problema da representação: “meu conhecimento e sua forma de expressão terminam onde termina minha linguagem” (ROBREDO, 2007, p. 51). Segundo o mesmo autor, após o início do século XX, com o ocaso dos ideais Iluministas, as condições de pensar conjunturas entre Filosofia e Ciência foram reestabelecidas. Com isso, a CI pode buscar na intersecção com a filosofia um desenvolvimento científico: a “reflexão filosófica sobre aquisição do conhecimento, sobre seu registro, sobre sua comunicação, que desde sempre tem ocupado estudiosos e pensadores, muito pode contribuir para nos ensinar a ver, pensar e viver melhor nosso cotidiano no âmbito da Ciência da Informação e de seus múltiplos desdobramentos” (ROBREDO, 2007, p. 56).

Ao defender currículos para área de informação cada vez mais inter e transdisciplinares, Robredo (2007) opõe os termos “Filosofia da Informação” e “Filosofia da Ciência da Informação” e busca qual o melhor termo para designar essa intersecção. Deixa a questão aberta e opta pela conjunção “Filosofia” e “Ciência da Informação”, porém cria uma taxonomia das filosofias, do geral (Filosofia) ao particular (Filosofia da Ciência da Informação), passando pelas ciências sociais:

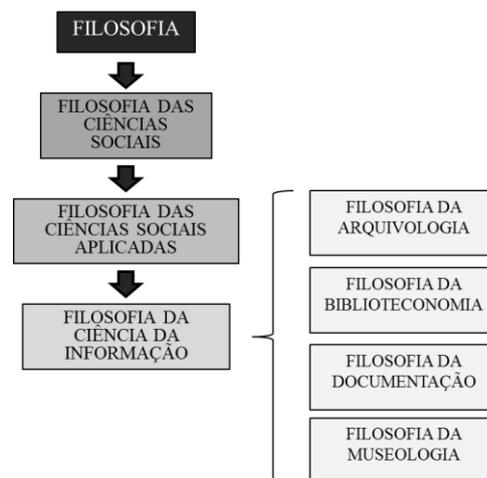


Figura 1 – Taxonomia das relações disciplinares entre Filosofia e Ciência da Informação
 Fonte: Elaborado pelos autores com base em Robredo (2007).

Robredo (2007) indica filósofos que poderiam corroborar a Filosofia da Ciência da Informação, dentre os quais Deleuze, para quem o papel da Filosofia é criar conceitos e sugere, portanto, pensar a informação como incorporal, tal como o conceito filosófico à moda estoico-deleuziana.

5. Filosofia de Deleuze

Deleuze estudou filosofia entre 1944 e 1948, participou ativamente do “maio de 68” na França e foi indicado por Foucault à cátedra de Filosofia da Universidade de Paris (Vincennes VIII). Sua obra reflete a preocupação com os rumos do pensamento europeu que sofria influência do nazifascismo, e combate as totalizações do pensamento, a restrição da ação política, as subdivisões e hierarquizações piramidais do pensamento e da ação, a individualização, a estabilidade do poder instituído, a tristeza desmobilizadora, a verdade, o amor pelo poder (FOUCAULT, 1991). Deleuze não buscava uma compreensão das causas dos fenômenos, mas antes o “como-funciona”, a fim de estabelecer conjunções entre elementos heterogêneos.

As temáticas que Deleuze discute são variadas e abrangem a filosofia propriamente dita, como os estudos sobre as ideias de Hume, Kant Nietzsche e Bergson, a ciência, a arte e as manifestações culturais de modo geral, como o esporte (DELEUZE, 1988). Para Orlandi (2006), há grandes chances de Foucault estar certo em dizer que o século XXI será deleuziano, pois é Deleuze quem traz novamente ao centro das atenções o problema da diferença.

“Diferença” é um importante conceito filosófico recuperado da Idade Média no século XX. Deleuze ocupa-se da diferença que age no mundo de maneira criadora, que transita entre um mundo intensivo e um mundo estratificado. Compreender a diferença é compreender o novo no pensamento, seja na arte, na ciência ou na filosofia. Criar o novo é fazer movimento: “Não se tratava mais de partir nem de chegar. A questão era antes: o que se passa ‘entre?’” (DELEUZE, 1992, p. 151). Não se trata de descobrir a origem do movimento (uma referência), mas de se “inserir numa onda preexistente”, tal como no surfe, no windsurfe ou na asa delta. Se opor contra opressões é buscar por esses movimentos. Nesse sentido, a filosofia que tem uma referência, um ponto fixo, não é criadora, é uma filosofia pobre, apenas “reflexiva”, que se faz “sobre alguma coisa”. Segundo o pensador francês, “é preciso ainda construir conceitos capazes de movimentos intelectuais” (DELEUZE, 1992, p. 152).

Os conceitos filosóficos são movimentos de pensamento, assim como as funções nas ciências e os blocos de sensações nas artes. Deleuze (1992) fala num eco entre o cinema (arte) de Bresson e a matemática (ciência) de Riemann, um eco que vincula a produção de espaço feita pelos pensadores. Bresson articula as cenas em seus filmes por uma lógica de vizinhança, segundo uma infinidade de maneiras possíveis, sem predeterminação e, assim, rompe com a

lógica da narrativa consolidada por Hollywood. Riemann desenvolveu um espaço no qual se pode sempre gerar pequenos espaços vizinhos, os quais podem se relacionar de diversas maneiras. A filosofia também tem suas concepções de espaço, e assim há ressonâncias mútuas e relações de trocas por razões intrínsecas às próprias manifestações de pensamento (DELEUZE, 1992).

Dessa maneira pensa-se sobre o espaço, ou qualquer outra coisa, a partir de intercessores, isto é, algo que motive, que faça entrar no movimento, para permitir a emergência da diferença. Na filosofia, isso se dá mediante a produção de conceitos. Na ciência, mediante a produção de funções. São formas de ir além da *doxa*, pois nos exigem que “rasguemos o firmamento e que mergulhemos no caos. Só venceremos a este preço”. (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 238).

Almeida (2006) afirma que a academia brasileira caracteriza-se como solo fértil à incorporação da obra intelectual francesa contemporânea e cita, entre outros, Lévi-Strauss, Foucault, Bourdieu, Barthes, Mafessoli, Morin, Guattari e Deleuze. Schwartzman (1982) revela que essa conexão entre intelectualidade francesa e tupiniquim é mais antiga e remete mesmo ao início da ciência brasileira. Assim, há um clima favorável aos diálogos entre o pensamento científico e filosófico francês e brasileiro.

No caso específico da relação Deleuze-CI, García-Aguirre (2015) mapeia como a CI aborda a noção “informação”, num recorte geográfico que inclui três países: Brasil, Colômbia e México. Identificou 6 abordagens, entre as quais 2 contemplam referências à Deleuze: informação como conceito ontológico e informação como dispositivo de poder.

Deleuze aparece nas referências de vários artigos na área, como em Frohmann (2009), que sublinha a importância da noção de conceito em Deleuze para a área. Segundo Frohmann (2009), sua concepção aberta de “conceito” permitiria atuação mais situacional da CI. Moreira (2010) destaca o potencial que a noção de “rizoma” tem para as linguagens documentárias, assim como Mostafa, Amorim e Souza (2014). Faucher (2014) a partir da leitura deleuziana, propõe uma revisitação à noção de informação, resgata as contribuições de Norbert Wiener. A pesquisadora Gerolami (2015) afirma a potência da biblioteca nas comunidades, por meio do conceito deleuziano de “máquina de guerra”. Amorim e Café (2017) utilizam da noção “agenciamento” na busca por uma fundamentação teórico-metodológica da análise do domínio.

Há ainda outras apropriações da filosofia de Deleuze na CI, mas de outra ordem, que não apenas se utilizam de alguns constructos do pensador francês, mas que, além disso, geram uma nova noção. Mostafa, Nova Cruz e Amorim (2015), criam um conceito para resistir ao poder das tecnologias referentes ao *big data*: o “devir sublime”. Amorim (2015) propôs o conceito de “indomável” referindo-se ao elemento escorregadio do real, que escapa sempre de toda representação documentária em direção ao virtual. A artesã conceitual Mostafa constrói ainda outras noções filosóficas, como “informação-afeto” (NOVA CRUZ; MOSTAFA, 2014) (que está além da coisa bucklandiana, pois é o que resta da materialidade documental quando esta se esgota), “linguagem documentária menor” (MOSTAFA, 2010) (a qual permite pensar possibilidades locais para indexação, sem subjugar-se a universalismos e a verdade) e “classificação descritiva por afeto” (uma alternativa não representacionista à descrição da informação) (MOSTAFA, 2010).

6. Procedimentos metodológicos

Para realizar este estudo, foram realizadas as seguintes etapas: 1) coleta de dados na Base de Dados Referenciais de Artigos de Periódicos em Ciência da Informação (Brapci) e na *Library and Information Science Abstracts (LISA)*; 2) organização e análise quantitativa com o software MS Excel; 3) apresentação, análise e interpretação dos resultados.

No primeiro passo, realizamos a busca de artigos pelo descritor “Deleuze” na Brapci, com o filtro “todos os campos”, com período de tempo mais abrangente possível (de 1972 à 2016). Foram obtidos 48 registros como resposta¹, dentre os quais nove foram excluídos, um por ser editorial da InCID (2010) e oito em função da duplicidade².

Na LISA utilizamos o mesmo descritor, sem nenhuma especificação de filtro. Recuperamos 14 artigos, dos quais dois foram excluídos, um por ser item repetido, já recuperado na BRAPCI, e outro pelo texto não contemplar a temática em foco, tendo sido recuperado em função do sobrenome do autor coincidir com o do filósofo, no caso Deleuze.

Os dados dos artigos recuperados nas duas bases de dados foram coletados e exportados diretamente para o MS Excel e na etapa seguinte caracterizamos os textos recuperados quanto

¹ A busca foi realizada no dia 21 de junho de 2016.

² Os artigos recuperados duplicados são: DAY (2010); BRITO (2012); GALO (2012); GRISOTO (2012); MONTEIRO (2013); MOSTAFA (2012); PERCOVICH (2010); SANTANA (2012).

a: autoria, revistas, países e assunto. A escolha dessas variáveis se deu em função do nosso problema e objetivo, assim entendemos que elas permitem a caracterização e a consolidação de inferências que indiquem qual a apropriação da obra de Deleuze na CI. As seções a seguir contemplam os resultados e a discussão.

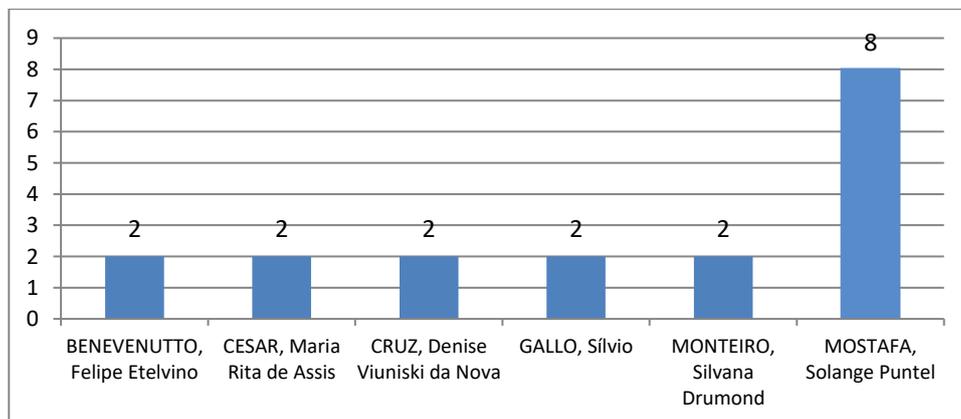
7. Apropriação da filosofia de Deleuze na CI: visão nacional

Nessa seção apresentamos os resultados obtidos a partir da análise dos 39 artigos recuperados na BRAPCI. Quanto à autoria, apenas nove desses artigos são escritos por mais de um autor, e foram identificados 40 autores distintos.

A autora que mais produz em parceria é Mostafa, quem realizou trabalhos com os seguintes autores: Benevenuto; Silva; Mostafa (2015); Mostafa; Amorim; Sousa (2014); Mostafa; Cruz; Benevenuto (2013); Mostafa; Cruz (2011).

Quanto à data de publicação, o artigo mais antigo é de 1994, e o mais recente é de 2015. Nesse período, os autores mais produtivos são os informados no Gráfico 1, únicos que publicaram mais de um artigo. Os demais autores possuem apenas um artigo.

Gráfico 1 – Autores nacionais mais produtivos

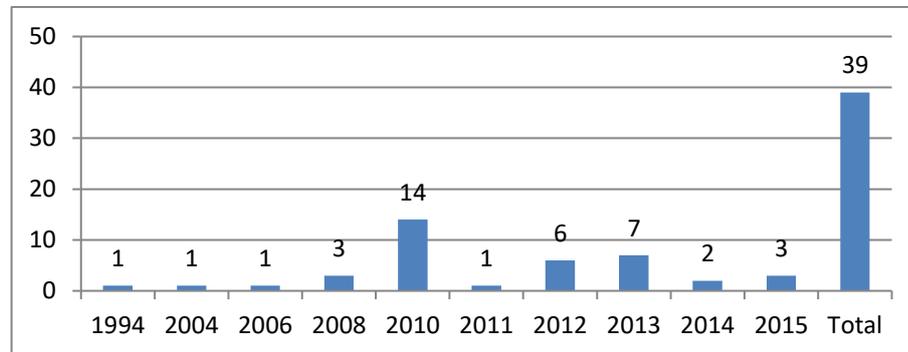


Fonte: elaborado pelos autores.

Identificamos duas possíveis inferências: a primeira relativa ao uso esporádico ou eventual que os autores fazem da filosofia de Deleuze em trabalhos na área da Ciência da Informação; outra possibilidade sugere que os autores se apropriam da filosofia de Deleuze apenas recentemente, deixando em aberto futuras publicações sobre o assunto. Mostafa apresenta 20,5% do total de artigos produzidos, os autores com duas publicações totalizam 12,8 %, e o restante dos autores, com 1 artigo, com 66,7 %.

A distribuição dos artigos por ano apresenta-se conforme o Gráfico 2:

Gráfico 2 – Distribuição de artigos por ano (nacional)

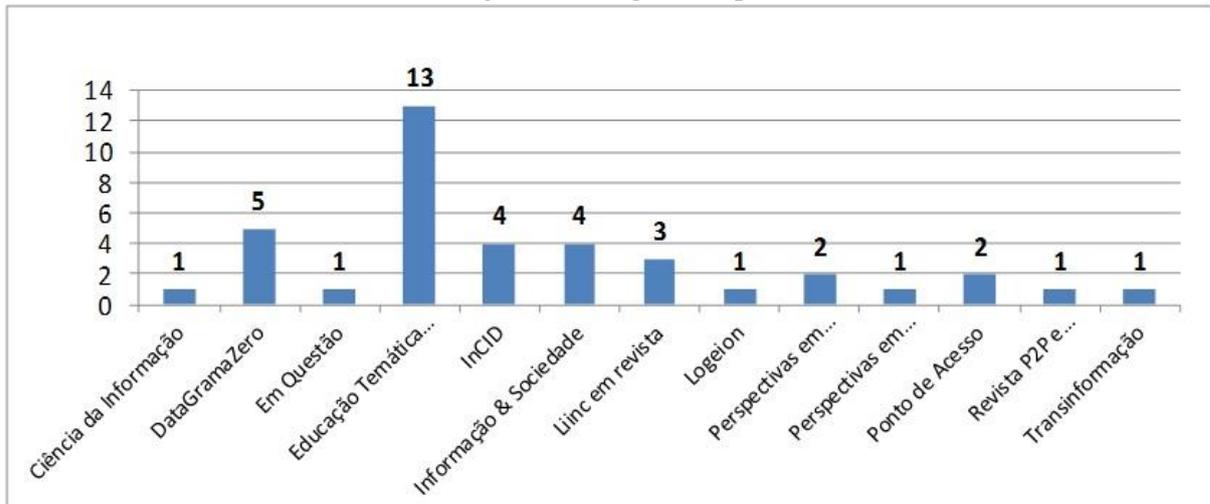


Fonte: elaborado pelos autores.

Nos três primeiros anos (1994, 2004 e 2006) foram publicados apenas um artigo por ano. O primeiro artigo foi divulgado na revista “Informação e Sociedade: Estudos”, de autoria do pesquisador Paulo de Tarso Cabral Medeiros. Verificamos que o pesquisador é mestre em literatura e doutor em filosofia e na época era docente vinculado ao Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal da Paraíba. O artigo intitulado “Aquém do ser, além do falso (em torno do problema da linguagem em Platão)”, apresenta a linguagem enquanto problema filosófico sob a perspectiva platônica, contrapondo-a com o conceito de simulacro de Deleuze, conceito crítico ao platonismo. O texto centra-se na reflexão sobre a linguagem, o que é de interesse da CI, porém é assunto compartilhado com outros campos, não se compondo como tópico específico da CI. Esse primeiro artigo foi publicado dez anos antes do segundo e dezesseis antes do ano de maior ocorrência que foi 2010, com 14 artigos. Ao observar o número de artigos a cada 10 anos, recuperamos apenas dois artigos no período de 1994 a 2004 e nos anos de 2005 a 2015 foram publicados os demais 37 artigos. Somente com a análise dos aspectos abordados nesses trabalhos poderemos discutir a influência da filosofia de Deleuze na CI, o que pode contribuir para perceber a tendência teórica na área.

O segundo aspecto analisado neste trabalho diz respeito aos periódicos em que os artigos foram publicados, que se apresentam de acordo com o Gráfico 3.

Gráfico 3 – Distribuição dos artigos nos periódicos (nacional)



Fonte: elaborado pelos autores.

A revista indexada na Brapci que tem maior número de artigos é a ETD – Educação Temática Digital, com 13 artigos. Essa revista pontua como A1 em Educação, A2 em Interdisciplinar e B4 em Ciências Sociais Aplicadas I. As revistas DataGramaZero (Qualis B1), InCID (Qualis B1) e Informação & Sociedade (Qualis A1) apresentam números de ocorrência aproximados, o que mostra que diferentes corpos editoriais de revistas bem qualificadas têm aceitado tal referência na área.

Sobre os assuntos tratados nos 39 artigos, analisados a partir das palavras-chave, após a consolidação dos termos³ foi calculada a frequência das palavras-chave. Foram obtidas 192 palavras, das quais 102 não se repetem. Dentre as repetidas, temos 11 com frequência acima de 2, conforme o quadro 1.

Quadro 1 – Frequência das palavras-chave (nacional). Parte I

Palavras-chave	n°
FILOSOFIA	11
CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO	9
DELEUZE	8
RIZOMA	7
DIFERENÇA	5
IMAGEM	4
GUATTARI	4
REPRESENTAÇÃO DO CONHECIMENTO	3
PRODUÇÃO CIENTÍFICA	3
EDUCAÇÃO	3
FILOSOFIA DA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO	3

³ Além dos plurais, substituímos os termos “Gilles Deleuze” e “Félix Guattari” por “Deleuze” e “Guattari”. “Teoria do conceito” para “conceito”, “sociedade do controle integrado” para “sociedade do controle”, “representação conceitual” para “representação do conhecimento”, “produção científica e Gilles Deleuze” para “produção científica”, “diferença (filosofia)” para “diferença”; “ciência da informação e Deleuze” para “ciência da informação”; “bibliometria e filosofia da diferença” para “bibliometria”.

Fonte: elaborado pelos autores.

“Filosofia” é a palavra-chave mais utilizada nos artigos, o que pode ser um indicativo da abordagem teórica dos trabalhos. Os termos “Rizoma” e “Diferença” são relevantes conceitos da filosofia deleuziana e figuram como índices de destaque na apropriação que a área faz desta. A ocorrência “Representação do Conhecimento” indica a apropriação no subcampo da área e sugere possibilidades frutíferas da intersecção “Filosofia Deleuziana e Organização do Conhecimento”. O segundo grupo de palavras-chave abrange as que atingiram no máximo duas ocorrências, que se encontram listadas no quadro 2:

Quadro 2 – Frequência de palavras-chave (nacional). Parte II

Palavras-chave	n°
ORGANIZAÇÃO DO CONHECIMENTO	2
SEMIÓTICA	2
CIBERESPAÇO	2
CONCEITO	2
SOCIEDADE DO CONTROLE	2
DOBRA SEMIÓTICA	2
PRAGMATISMO AMERICANO	2
CHARLES PEIRCE	2
1925-1995 ⁴	2
SUBJETIVIDADES	2
SENSO COMUM	2
FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO	2
COMUNICAÇÃO CIENTÍFICA	2
VIDA	2
WEB INVISÍVEL	2

Fonte: elaborado pelos autores.

Neste grupo, os termos “Organização do Conhecimento”, “Conceito” e “Comunicação Científica” marcam a presença de estudos tradicionais no campo da CI. Termos como “Ciberespaço” e “Web Invisível” são relativos às tecnologias de rede, as quais são importantes à CI, pois são espaços em que há imensa gama de informação que necessitam de algum tipo de tratamento ou cuidado. Destacam-se também os termos “Semiótica”, “Pragmatismo Americano” e “Charles Pierce”, os quais denotam a abordagem pragmática na CI, compreendida no paradigma social.

Com relação aos termos que aparecem uma única vez, destacamos os termos “Tesauros”, “Rede de Conceitos”, “Mapa”, “Linguagem Documentária”, “Relações Associativas”, “Estrutura Classificatória”, “Rede”, “Memória”, “Gestão do Conhecimento”, “Produção do Conhecimento”, “Bibliometria” e “Biblioterapia”. Esses podem indicar áreas de

⁴ Os anos utilizados como palavras-chave dizem respeito ao nascimento e morte de Gilles Deleuze.
InCID: R. Ci. Inf. e Doc., Ribeirão Preto, v. 8, n. 2, p. 69-91, set. 2017/fev. 2018.

estudos na CI em que a filosofia de Deleuze pode contribuir. Destacamos também as ocorrências “Cartografia”, “Devir”, “Desterritorialização”, “Afeto” e “Decalque”, conceitos importantes na obra de Gilles Deleuze e que podem indicar temas a serem explorados na intersecção em questão.

8. Apropriação da Filosofia de Deleuze na CI: visão internacional

Os resultados apresentados nessa seção abrangem os 12 artigos recuperados na base de dados LISA. Com relação à autoria, apenas o autor Burnett apresentou duas publicações, ambas com coautores: Burnett; Bonnici (2013) e Burnett; Dresang (1999). Os demais autores publicaram um artigo cada: Allison-Cassin; Bonnici; Burnett; Dresang; Duff; Ferreira; Gehl; Hannabuss; Haskell; Hondros; Johnston; Kreps; McGuire; Robinson e Swiboda.

O artigo mais antigo é (BURNETT; DRESANG, 1999), intitulado *Rhizomorphic reading: the emergence of a new aesthetic in literature for youth*. O mais recente foi publicado em 2016, por Hondros, denominado *Problematizing the Internet as a video distribution technology: an assemblage theory analysis*. Entre esse período, os artigos se distribuem conforme o quadro 3.

Quadro 3 – Distribuição de artigos por ano (internacional)

Ano	Nº publicação
1999	1
2002	1
2008	1
2010	2
2011	2
2012	1
2013	1
2014	1
2015	1
2016	1
Total	12

Fonte: elaborado pelos autores.

Percebe-se que até 2010 não é constante a publicação de artigos que tratam da filosofia de Deleuze em artigos da CI, ocorrendo espaçadamente, nos anos de 1999, 2002 e 2008. Nos últimos seis anos, a partir de 2010, ao menos um artigo por ano é publicado sobre o tema. Inferimos que os pesquisadores da área têm se aproximado da filosofia deleuziana a partir da segunda década do século XXI, quando encontramos sua presença em suas publicações da CI.

Com relação aos periódicos, identificamos títulos e país, conforme disposto no quadro 4 que apresenta os títulos em ordem alfabética dos periódicos.

Quadro 4 – Distribuição dos artigos nos periódicos (internacional)

Periódico	Nº	País	Ano
European Journal of Information Systems	1	Reino Unido	2010
First Monday	1	Estados Unidos	2011
Información, Cultura y Sociedad	1	Argentina	2014
Information, Communication & Society	2	Reino Unido	2008; 2016
Journal of Documentation	1	Reino Unido	2010
Journal of Library Metadata	1	Estados Unidos	2012
Knowledge Organization	1	Alemanha	2013
Library Quarterly	1	Estados Unidos	1999
Reference Reviews	1	Reino Unido	2011
The American Archivist	1	Estados Unidos	2015
Year's Work in Critical and Cultural Theory	1	Reino Unido	2002

Fonte: elaborado pelos autores.

As ocorrências mais frequentes se deram em periódicos do Reino Unido (45,5%) e dos Estados Unidos (36,3 %). Há, ainda, uma ocorrência de artigo em revista argentina e um trabalho em revista publicada na Alemanha - a *Knowledge Organization* (KO). Destacamos que o editor da KO é a *International Society of Knowledge Organization* (ISKO), uma das principais instituições da área em âmbito internacional. A única revista com mais de uma publicação é a *Information, Communication & Society*, do Reino Unido. Evidencia-se que não existe uma regionalização das publicações, ou seja, revistas com distintos corpos editoriais em diferentes locais aceitam publicações que articulam Deleuze à CI. É válido destacar que todos esses periódicos estão indexados na LISA, o que os qualificam como literatura internacional⁵ da área.

No estudo da frequência de palavras-chave obteve-se um total de 72 palavras, das quais 19 se repetem ao menos uma vez. As quatro que se repetem mais de duas vezes estão apresentadas no quadro 5.

Quadro 5 – Frequência de palavras-chave (internacional)

Palavras-chave	nº
PHILOSOPHY	6
SOCIAL NETWORKS	5
THEORIES	3
WEB 2.0	3

Fonte: elaborado pelos autores.

⁵ A base LISA foi considerada o vetor que revela a face internacional da literatura. Cabe a ressalva que a base embora qualificada, não contempla a literatura de diversos países. Entretanto, ainda é a base com maior reconhecimento pela qualidade e amplitude na área de Biblioteconomia e Ciência da Informação.

A palavra-chave mais citada é *Philosophy*, com seis ocorrências, o que pode ser um indicativo da abordagem teórica dos trabalhos. A palavra-chave *Social Networks*, com cinco ocorrências, revela uma temática que embora não componha o “núcleo duro” da CI, é tema de pesquisa da área. Esse raciocínio é válido também para o termo *Web 2.0*, que apresenta 3 ocorrências. Dentre as palavras-chave com duas ocorrências destacamos: *Branding*, *Virtual Reality*, *Bibliographies*, *Children's and Young People's Literature*, *Links*, *Philosophical Aspects*, *Publishing*, *Ethnography*, *Automatic Classification*, *Social Aspects*, *Fiction*, *User Behaviour*, *Immanence*, *Information Management* e *Aesthetics*.

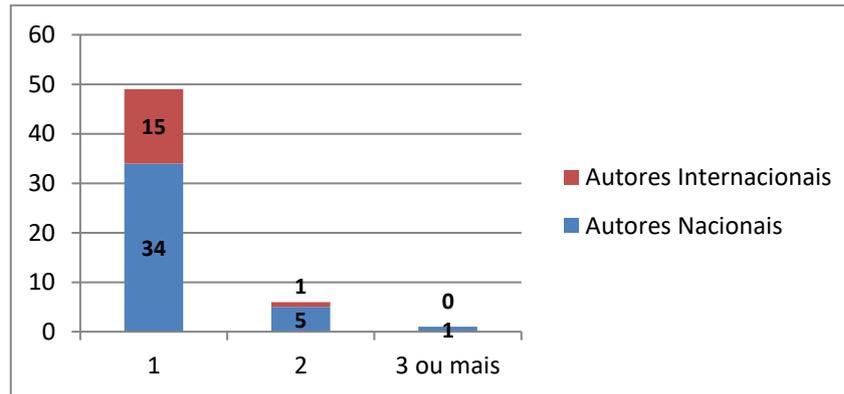
Nesse grupo aparecem termos tradicionais na CI, tais como “Bibliografias”, “Literatura Infatojuvenil”, “Classificação Automática”, “Comportamento do Usuário” e “Gestão da Informação”. Esses termos revelam subcampos da CI em que a apropriação da filosofia de Deleuze tem sido abordada na literatura internacional da área. Destacamos os termos “Realidade Virtual”, “Aspectos Sociais” e “Etnografia”, assuntos que denotam a abordagem mais recente da CI, com enfoque social e preocupada com questões do ambiente virtual, e, ainda, o termo “Imanência”, conceito fundamental na filosofia deleuziana e que pode indicar uma movimentação na formação dos fenômenos de interesse à CI.

Com relação aos termos que só surgiram uma única vez, há aqueles que indicam questões relativas ao poder: “Vigilância”, “Mídia de Massa” e “Poder Político”, questões relativas às condições sociais, “Sistemas Sociais” “Dinâmicas Sociais” e “Sociedade da Informação”, além de termos relativos a conteúdos tradicionais na pesquisa da área: “Catalogação na Biblioteca”, “Controle Bibliográfico”, “Sistemas de Informação” e “Perfis de Usuário”. Esses termos revelam assuntos que potencialmente se beneficiam da filosofia deleuziana, enquanto que os termos relacionados ao poder e dinâmicas sociais apontam como tal filosofia podem incrementar as pesquisas na área.

9. Visão nacional e internacional

De modo geral a autoria dos artigos é bem distribuída, com exceção da autora Mostafa que no cenário nacional concentra 20% da produção. Os outros trabalhos partilhados entre os demais 38 autores. Segue o gráfico 4:

Gráfico 4 – Publicações nacional e internacional por autor

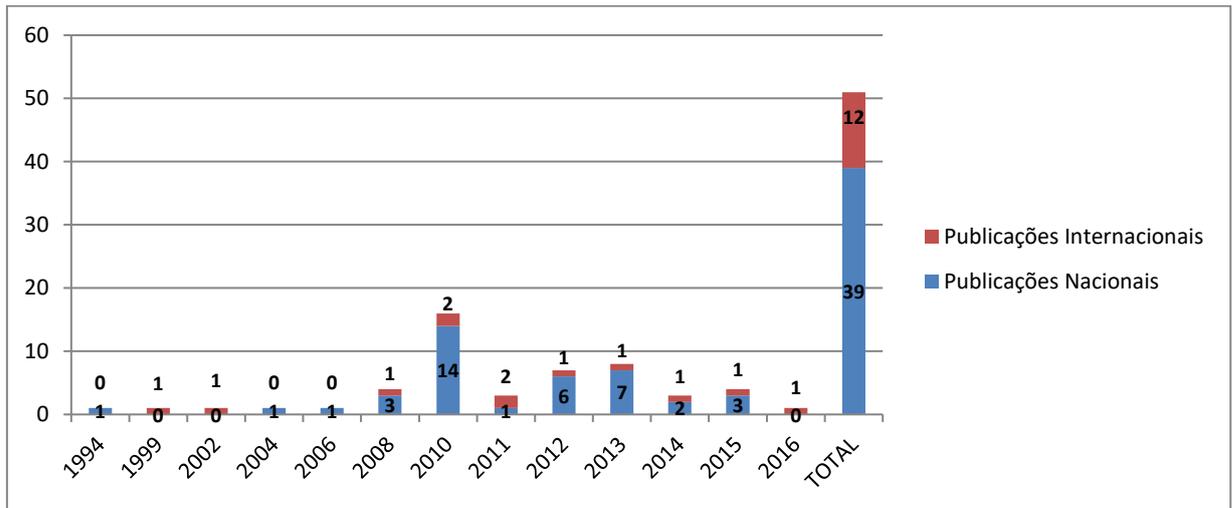


Fonte: elaborado pelos autores.

Na literatura internacional não há autor que se destaque na produção, o que reforça a ideia de que diferentes autores compreendem como possível a aproximação entre o filósofo e a área informacional. É provável que outros autores no campo da CI utilizem Deleuze em suas pesquisas sem eleger o termo “Deleuze” como palavra-chave ou sem utilizá-lo no resumo ou no título. Podemos citar como exemplos trabalhos que conhecemos em pesquisas anteriores: Frohmann (2009), Gerolami (2015) e Faucher (2014), já mencionados na seção 5 deste artigo. Contudo tais estudos foram desconsiderados por uma questão operacional desta pesquisa, que focou nos artigos que adotam o nome do filósofo como descritor.

A análise do aspecto temporal revela que a literatura nacional e internacional tem apresentado um aumento da frequência de artigos que tratam da filosofia deleuziana, conforme o gráfico 5.

Gráfico 5 – Distribuição de artigos nacionais e internacionais por ano



Fonte: elaborado pelos autores

A partir do ano 2008 começa a ser recorrente trabalhos que tratam de Deleuze na literatura nacional, e, depois de 2010, ao menos uma publicação por ano ocorre, exceto em 2016. Na literatura internacional há frequência mínima de 1 artigo publicado a cada ano a partir de 2010, embora este apresente no total menor número de artigos em relação ao total dos produzidos nas revistas nacionais.

Tanto na literatura nacional como na internacional, há ampla distribuição das publicações entre os periódicos. Percebemos no âmbito nacional uma concentração na revista Educação Temática Digital, que não necessariamente contém artigos específicos do campo de CI, seguida da DataGramZero, InCID e Informação & Sociedade. Na literatura nacional, uma revista é argentina, outra é de origem alemã, as outras nove são ou do Reino Unido (cinco revistas) ou dos Estados Unidos (quatro revistas). Inferimos que a incorporação do pensamento de Deleuze na CI tem sido aceita por diferentes periódicos, e em diferentes países, dado que legitima o diálogo entre a área e o filósofo.

Guardadas as limitações desta pesquisa, é perceptível que Deleuze ressoa com mais intensidade na literatura nacional que na internacional, o que reflete a própria formação do sistema universitário brasileiro que teve grande influência francesa, sobretudo no âmbito das ciências humanas e sociais (SCHWARTZMAN, 1982; ALMEIDA, 2006). Almeida (2006, p. 33) diz sobre a apropriação diversa das produções intelectuais francesas decorrentes de maio de 68 a partir do anos 1970: “o Brasil tem sido um nicho fecundo para a metamorfose de um pensamento hoje não mais propriamente francês, nem genuinamente brasileiro”.

Quanto aos assuntos dos artigos, em âmbito nacional, as palavras-chave indicam abordagens temáticas que epistemologicamente não se aproximam de disciplinas centrais, tais como “organização do conhecimento”, “comunicação científica” ou “estudos métricos da informação”. Por outro lado, há trabalhos que voltam-se para questões emergentes na área, relacionadas com os impactos das recentes tecnologias de informação e comunicação, “Social Networks” e “Web 2.0”, por exemplo. Já em âmbito nacional, notamos o contrário, pois as palavras-chave indicam uma apropriação da filosofia deleuziana no seio epistemológico da área, identificado pelos descritores, “Ciência da Informação”, “Representação do Conhecimento”, “Produção Científica” e “Organização do Conhecimento”.

Percebemos alguns laços, ora mais fracos, ora mais fortes, entre a CI e a Filosofia de Deleuze. Talvez seja um início de século promissor à intersecção Filosofia de Deleuze e CI. O que notamos é uma possível apropriação como movimento. A apropriação-escola já é bem trabalhada pela CI, captada por instrumentos métricos e índices. Percebe-se resultados dispersos, que não convergem, dificultando mesmo o consenso entorno de termos que poderiam ser fundamentais nos vínculos da área com a filosofia deleuziana. Por isso destacamos, há indícios de apropriações do tipo movimento.

10. Considerações finais

Dadá é movimento, surrealismo é escola. O dadaísmo enquanto movimento não estabelece regras ou normas de conduta aos seus praticantes, isso que motivou o desligamento do grupo de Breton do movimento rebelde e, por conseguinte, o surgimento do surrealismo (TRINGALI, 1990). A escola é institucionalização dos processos. Institucionalizar significar enquadrar-se segundo uma direção imposta, hierárquica. O movimento é contrário a qualquer hierarquia e instituição.

A ciência é uma instituição e tem como maior pilar o método científico. Um dos fatores requeridos pela ciência é o uso de referências que buscam o encadeamento das inferências dos autores a uma escola consolidada, a uma tradição científica. Dessa maneira, a referência é compreendida como estratégia de transformar movimento em escola, contudo, é possível manter-se em movimento. Uma das formas que podemos averiguar se um dado movimento está mais ou menos enquadrado numa instituição é justamente sua institucionalização. Um alto

grau de institucionalização científica requer números consistentes, que impliquem em repetições e adequações.

As métricas podem auxiliar nessa identificação da institucionalização, contudo não no estabelecimento de um índice claro que nos permita realmente dizer o grau exato da institucionalização de um assunto ou de uma disciplina. Nesse contexto, identificamos que a apropriação do pensamento pela CI é recente e pequena, embora tenha se tornado mais consistente nos últimos anos. Os artigos aparecem bem diluídos entre autores e revistas. Além disso, há grande variedade de temas, segundo o uso de diversas palavras-chave nos artigos. Se por um lado isso indica a não institucionalização da temática na área, por outro confirma o caráter de movimento dessa apropriação.

É provável que existam outras manifestações deleuzianas na CI que não foram abrangidas em nossa coleta de dados. Esse é um fator limitante desta pesquisa, que poderia ser solucionado com uma busca extensiva das obras de Deleuze nas listas de referências de um conjunto possível de artigos. Esse pode ser um possível trabalho futuro com recorte nos anos de maior ocorrência de produção de artigos. A fim de aprofundar a análise, poder-se-ia também analisar o conteúdo de um conjunto de artigos, no qual identificaria se há noções que partiram da obra de Deleuze, mas que foram transformadas sob determinadas situações, reafirmando o que o filósofo francês chamou de “idéias [sic] correntes, que possam ser manejadas de vários modos”.

Consideramos que as apropriações da obra de Deleuze na CI corroboram seu caráter de ciência social e distancia-se dos aspectos positivistas e funcionalistas, em função de uma compreensão mais complexa da realidade, tal como defende Cibangu (2010), que disserta sobre uma CI aberta ao caos.

A partir dos parâmetros metodológicos adotados nesta pesquisa, constata-se um avanço das apropriações de Deleuze na área, em forma de movimento, sob a qual a CI gera novas funções e proposições que ratifiquem a inter e transdisciplinaridade entre ela e a filosofia, ou pela sua consolidação nas ciências sociais.

Referências

- ALMEIDA, M. C. Bem-vinda constelação da desordem: a presença do pensamento francês no Brasil. **Revista FAMECOS: mídia, cultura e tecnologia**, v. 1, n. 20, 2006.
- AMORIM, I. S. **Análise de domínio sob a luz do conceito de agenciamento de Gilles Deleuze**. 2015. 238 p. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis. 2015.
- AMORIM, I. S.; CAFÉ, L. M. Agenciamento e análise de domínio: um encontro possível. **Informação & Sociedade: Estudos**, João Pessoa, v. 27, n. 2, p. 75-88, 2017.
- ARAÚJO, C. A. A. A ciência da informação como ciência social. **Ciência da informação**, Brasília, v. 32, n. 3, p. 21-27, 2003.
- AZEVEDO NETTO, C. X. Uma face da Ciência da Informação. In: PINHEIRO, L. V. R. **Ciência da informação, ciências sociais e interdisciplinaridade**. Brasília; Rio de Janeiro: IBICT/DDI/DEP, 1999. p. 133-141
- BAZARIAN, J. **O problema da verdade: teoria do conhecimento**. 2. ed. São Paulo: Símbolo, 1985.
- CHIBENI, S. S. **O que é ciência?** Campinas: UNICAMP, Caderno de Estudos, 2002.
- CIBANGU, S. K. Information science as a social science. **Information Research**, v. 15, n. 3, 2010.
- DELEUZE, G. **Conversações**. São Paulo: 34, 1992. 229 p.
- _____. **O abecedário de Gilles Deleuze**: transcrição integral do vídeo, para fins exclusivamente didáticos. Paris: Montparnasse, 1988.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **O que é Filosofia?**. Rio de Janeiro: Editora 34, 2010.
- FAUCHER, K. X. An information meta-state approach to documentation. **Journal of Documentation**, v. 70, n. 4, p. 503-525, 2014.
- FOUCAULT, M. O anti-Édipo: uma introdução à vida não fascista. In: ESCOBRA, C. H. **Dossier Deleuze**. Rio de Janeiro: Hólon, p. 81-84, 1991.
- _____. **Theatrum philosophicum**. Barcelona: Anagrama, 1995.
- FROHMANN, B. Revisiting “what is a document?”. **Journal of documentation**, v. 65, n. 2, p. 291-303, 2009.
- GANDRA, T. K.; DUARTE, A. B. S. Estudos de usuários na perspectiva fenomenológica: revisão de literatura e proposta de metodologia de pesquisa. **Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação e Biblioteconomia**, v. 8, n. 1, 2012.
- GARCÍA-AGUIRRE, L. El concepto de Información en América Latina desde la Ciencia de la Información: revisión sistemática de literatura en Brasil, Colombia y México (2010-2015). **Informatio Revista del Instituto de Información de la Facultad de Información y Comunicación**, v. 20, n. 2, 2015.

GEROLAMI, N. The library assemblage: creative institutions in an information society. **Journal of Documentation**, v. 71, n. 1, p. 165-174, 2015.

GONZÁLEZ DE GÓMEZ, M. N. Metodologia de pesquisa no campo da ciência da informação. **DataGramaZero** – Revista de Ciência da informação, v. 1, n. 6, dez. 2000.

_____. Para uma reflexão epistemológica acerca da Ciência da Informação. **Perspectiva em Ciência da Informação**, v. 6, n. 1, p.5-18,2001.

HJØRIAND, B.; ALBRECHTSEN, H. Toward a new horizon in information science: domain-analysis. **Journal of the American Society for Information Science**, v. 46, n. 6, 1995.

MOREIRA, W. Provocações deleuzeanas para as linguagens documentárias. **InCID: Revista de Ciência da Informação e Documentação**, v. 1, n. 2, p. 21-36, 2010.

MOSTAFA, S. P. Epistemologia ou filosofia da ciência da informação. **Informação & Sociedade: Estudos**, v. 20, n.3, 2010.

_____.; DA NOVA CRUZ, D. V.; AMORIM, I. S. Primavera nos dentes: fuga e resistência na era digital. **Liinc em Revista**, v. 11, n. 2, 2015.

_____.; AMORIM, I. S.; SOUZA, L. M. A. Filosofia e discurso na ciência da informação: tessitura de encontros. **Logeion: Filosofia da Informação**, v. 1, n. 1, p. 6-19, 2014.

NOVA CRUZ, D. V.; MOSTAFA, S. P. Informação-afeto: real sem ser atual, ideal sem ser abstrata. **PerCursos**, v. 15, n. 29, p. 39-56, 2014.

ORLANDI, L. Este século será foucauldiano ou deleuzeano? Londrina, Universidade Estadual de Londrina, 2006. Conferência de abertura feita no I Simpósio de Filosofia Contemporânea. Disponível em: <http://www.4shared.com/file/143772781/c981280c/Luiz_Orlandi_seculo.html>. Acessado em 12 jan. 2015.

ROBREDO, J. Filosofia da ciência da informação ou Ciência da informação e filosofia? In: TOUTAIN, L. M. B. (Org.). **Para entender a ciência da informação**. Salvador: EDUFBA, 2007. p. 35-73.

SCHWARTZMAN, S. A pesquisa científica no Brasil: matrizes culturais e institucionais. In: GONÇALVES, E. L. (Ed.). **Pesquisa Médica**, São Paulo, v. 1, 1982, p. 137-160. Disponível em: <<http://www.schwartzman.org.br/simon/matrizes.htm>>. Acesso em:

SOUZA, M. P. N. Abordagem inter e transdisciplinar. In: TOUTAIN, L. M. B. (Org.). **Para entender a ciência da informação**. Salvador: EDUFBA, 2007. p. 75-89.

TRINGALLI, D. Dadaísmo e surrealismo. **Itinerários**, Araraquara, p. 27-59, 1990.

WERSIG, G. Information science: the study of postmodern knowledge usage. **Information Processing & Management**, v. 29, n. 2, 1993.

Artigo submetido em: 11 nov. 2016

Artigo aceito em: 22 ago. 2017